

Quando o campo de futebol se torna lugar: experiência, território e futebol de várzea em Goiânia (GO)

Andriel Coutinho de Morais

*Faculdade de Educação Física
Universidade Federal de Goiás*

George Ivan da Silva Holanda

*Universidade de Brasília
Universidade Estadual de Goiás*

Ari Lazzarotti Filho

*Faculdade de Educação Física
Universidade Federal de Goiás*

Resumo

Este capítulo analisa a Copa Cepro, competição de futebol de várzea realizada no Campo do Muranga, na Vila Redenção, em Goiânia, tomando-a como chave interpretativa para compreender a produção social do urbano. Com base na observação das partidas e das interações entre jogadores, torcedores e moradores, sustenta-se que o futebol de várzea opera como espaço de sociabilidade, pertencimento e construção de sentidos no cotidiano do bairro. O campo de futebol é compreendido como lugar vivido, constituído pela experiência consolidada nas práticas corporais e pela temporalidade compartilhada que organiza a vida local. A Copa, enquanto competição varzeana, ao estruturar ritmos coletivos e expectativas anuais, integra o futebol à rotina comunitária e consolida o Campo do Muranga como referência simbólica. Elementos como a apropriação da infraestrutura, os nomes das equipes, os patrocínios locais e a circulação de imagens ampliam a visibilidade do evento e reforçam sua complexidade sociocultural. O estudo, assim, contribui para a compreensão das relações entre esporte, cidade e território, ao evidenciar como práticas corporais organizadas localmente produzem sociabilidades e pertencimentos no cotidiano urbano, dialogando com a Educação Física nas dimensões socioculturais do esporte.

Palavras-chave: futebol de várzea; lugar vivido; sociabilidade urbana; experiência.

Abstract

This chapter analyzes the Copa CEPRO, an amateur (várzea) football competition held at Campo do Muranga, in Vila Redenção, in Goiânia (GO), taking it as an interpretive key to understand the social production of the urban space. Based on the observation of matches and the interactions among players, supporters, and residents, it is argued that amateur football operates as a space of sociability, belonging, and the construction of meaning in the everyday life of the neighborhood. The football field is understood as a lived place, constituted by experience consolidated through bodily practices and by the shared temporality that organizes local life. The Copa, as an amateur competition, by structuring collective rhythms and annual expectations, integrates football into the community routine and consolidates Campo do Muranga as a symbolic reference. Elements such as the appropriation of infrastructure, team names, local sponsorships, and the circulation of images increase the visibility of the event and reinforce its sociocultural complexity. The study thus contributes to understanding the relationships between sport, city, and territory by highlighting how locally organized bodily practices produce sociabilities and senses of belonging in everyday urban life, engaging Physical Education with the sociocultural dimensions of sport.

Keywords: amateur football; lived place; urban sociability; experience.

Introdução

O futebol de várzea¹ constitui uma prática esportiva no Brasil, capaz de articular lazer, sociabilidade e mobilização de pessoas em diferentes territórios. Conforme Damo (2007), a grande mídia, em geral, invisibiliza esse modo de praticar futebol ou o enquadra de forma marginalizada, reduzindo-o a expressões periféricas, como improvisações desorganizadas,

1 O termo futebol de várzea será adotado ao longo deste texto como categoria operativa; contudo, reconhece-se que assume diferentes denominações conforme os contextos regionais e culturais em que é praticado, sendo também referido como futebol comunitário, futebol de lazer, futebol amador, *terrão*, *baba*, entre outras expressões locais. Trata-se, portanto, de uma designação que abrange um conjunto heterogêneo de práticas futebolísticas não profissionais, enraizadas nas dinâmicas socioculturais específicas de cada território.

episódios de conflito ou meras festividades, desconsiderando seu caráter social, simbólico e comunitário.

Apesar dessa invisibilização, o futebol de várzea funciona como espaço de sociabilidade e construção de identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, aproxima-se do estudo de Antunes (1994), que analisou o futebol nas fábricas, identificando que este esporte se configura como mecanismo de integração social e circulação de saberes entre trabalhadores. O futebol de várzea, portanto, configura-se como uma prática organizada localmente, uma expressão cultural e social de diferentes contextos brasileiros, tradicionalmente associado a áreas marginalizadas da urbanização formal, como fundos de vale, várzeas de rios, terrenos públicos não edificados ou espaços provisoriamente disponíveis.

Nesse sentido, o Campo do Muranga e a Copa Cepro – Centro Promocional, Social e Recreativo de Vila Redenção – podem ser compreendidos como espaço de sociabilidade inscritos nas dinâmicas do cotidiano urbano, nos quais a recorrência das práticas produz vínculos, circuitos e pertencimentos (Magnani; Morgado, 1996). Dialogando com Tuan (1983), pode-se compreender que o movimento pelo qual o “espaço” (Campo do Muranga), inicialmente apreendido como extensão física, é progressivamente investido de sentido, convertendo-se em “lugar” a partir da experiência vivida e da memória compartilhada. De modo a complementar, numa perspectiva antropológica, Ingold (2000) permite compreender esse processo como constituição contínua, produzida no engajamento corporal, nas trajetórias e na presença dos sujeitos que habitam e percorrem o ambiente.

É com este horizonte teórico e uma imersão *in loco* que o presente texto analisa o futebol de várzea organizado em formato competitivo, tomando a Copa Cepro como expressão concreta dessas dinâmicas. Ao pesquisar etnograficamente² sua realização no Campo do Muranga, busca-

2 Este texto integra um projeto de pesquisa mais ampla sobre as práticas corporais esportivas e de lazer em Goiânia (GO), que incluem o futebol de várzea, devidamente

-se compreender como a competição opera como elemento estruturante na produção e manutenção desse lugar vivido, sustentando, ao longo do tempo, formas específicas de sociabilidade, pertencimento e inscrição simbólica no cotidiano urbano da Vila Redenção.

Campo do Muranga e Copa Cepro na Vila Redenção: notas descritivas sobre o espaço, o lugar e a organização do torneio

O Campo do Muranga constitui-se como espaço para prática do futebol de várzea, e localiza-se na Vila Redenção, em Goiânia (GO) (Silva, 2005), configurando-se como referência esportiva na Região Sul da cidade. Conforme registrado no material institucional da competição, o Campo do Muranga tem centralidade na utilização para organização de eventos futebolísticos locais (Copa Cepro, 2023).

A vinculação histórica do campo à organização comunitária é evidenciada pela atuação de lideranças locais. Segundo o texto da 10ª edição da Copa Cepro, Wendel da Costa, morador do bairro, jogador de futebol da Copa, ex-aluno da escolinha do Campo do Muranga e formado em Educação Física, é descrito como responsável pelo campo de futebol da Vila Redenção, o que demonstra a permanência de uma gestão associada à comunidade e à continuidade das práticas esportivas em um espaço que funciona há mais de 30 anos. A utilização recorrente do Campo do Muranga como sede fixa das edições da Copa Cepro reforça sua função enquanto infraestrutura esportiva de referência territorial, sendo o local onde se concretiza aquele que é descrito como o maior evento de lazer e entretenimento gratuito da Região Sul de Goiânia (Copa Cepro, 2023).

O Campo do Muranga insere-se nesse horizonte de reconhecimento ao operar como prolongamento cotidiano das dinâmicas comunitárias, configurando-se como espaço de convergência das práticas de futebol

aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme parecer consubstanciado n.º 7.602.727, sob o CAAE 87700425.0.0000.5083.

de várzea, nas quais lazer, convivência e pertencimento se entrelaçam. Espaços de várzea como esse são apropriados por coletivos que instituem usos regulares, normas próprias e formas específicas de organização. Conforme descrevem Magnani e Morgado (1996), o futebol de várzea estrutura sociabilidades duráveis e territorialidades singulares, constituindo-se como prática organizadora da vida social em bairros populares. A permanência do campo, segundo os autores, relaciona-se à capacidade coletiva de sustentar relações que legitimem seu uso contínuo.

Do ponto de vista do espaço, o Campo do Muranga apresenta grama natural, com marcas evidentes de uso contínuo, especialmente nas áreas próximas às traves e ao círculo central. As linhas são demarcadas de forma simples e funcional, atendendo às necessidades da prática esportiva sem adoção de padrões técnicos. Parte do perímetro é delimitada por alambrado (remontando às estruturas antigas de futebol no Brasil), estabelecendo separação entre o espaço de jogo e as áreas de circulação do público. Em um dos lados há arquibancadas de concreto, sem assentos individualizados, elemento estrutural fixo que organiza parcialmente a presença dos espectadores/torcedores, mas não determina de modo exclusivo as formas de ocupação e permanência no entorno do campo.



Imagem 1 – Campo do Muranga (Vila Redenção, Goiânia)

Fonte: Google Maps, 2026

A Copa Cepro configura-se, portanto, como campeonato de futebol de várzea realizado como evento esportivo estruturado e periódico. Conforme o regulamento da 13^a edição, a competição se caracteriza como um fenômeno social que transcende a esfera esportiva (Copa Cepro, 2025), sendo organizada anualmente e reunindo equipes em disputa pelo título. A edição de 2025 teve a participação de 10 equipes, distribuídas em fase de grupos, quartas de final, semifinais e final, estruturando um calendário competitivo que se estendeu por vários meses do ano.

A organização do campeonato apresenta formalização normativa, com definição de categoria, critérios de desempate, sistema de inscrições e regulamento disciplinar. A competição é disputada na categoria livre³ do futebol de homens, permitindo a inscrição de até 35 jogadores por equipe em plataforma digital indicada pela organização (Copa Cepro, 2025). O regulamento estabelece sanções por acúmulo de cartões, critérios para participação nas fases eliminatórias e divisão das equipes classificadas nas séries Ouro e Prata, conforme desempenho na fase inicial. O sistema competitivo inclui jogos de ida e volta nas quartas e semifinais, prevendo saldo de gols e cobranças de pênaltis como critérios de desempate nas fases decisivas, além de premiações financeiras, troféus e medalhas.

Durante a realização das rodadas, geralmente aos fins de semana, a dinâmica do evento ultrapassa a dimensão estritamente competitiva. O público organiza-se em pequenos grupos distribuídos ao redor do campo, utilizando cadeiras trazidas de casa e ocupando áreas próximas ao alambrado ou zonas laterais. Caixas de isopor e churrasqueiras portáteis integram o cenário, favorecendo a permanência prolongada no local. Antes do início das partidas, os jogadores realizam aquecimentos simples e se reúnem em rodas próximas às laterais ou ao centro do campo, onde fazem uma oração antes do início da partida. As equipes utilizam uniformes padronizados,

3 A Copa também conta com a categoria 40+. Segundo o organizador, à medida que os jogadores foram envelhecendo, a organização ampliou as categorias: inicialmente foi criada a 35+, depois a 40+, e já há a intenção de expandir para a 50+.

com cores e combinações variadas, e adotam nomes que expressam identidades locais e pertencimentos territoriais, como Real Madruga, Geração Vila Nova⁴, Baxadão, Independente FC, Vila Redenção FC, Triunfo, Tropa do Kel, Águia e Lima.

A ambiência do campeonato inclui a fixação de *banners* no alambrado com nomes de patrocinadores e símbolos das equipes, bem como transmissões *on-line* realizadas pela organização e registro fotográfico das partidas. As imagens circulam posteriormente em redes sociais e são comercializadas digitalmente, retratando comemorações, gestos ritualizados e poses recorrentes entre os atletas. O ambiente sonoro é marcado por músicas reproduzidas em caixas portáteis, com repertório que inclui *funk* denominado “superação”, sertanejo e outros estilos populares.

4 A título de exemplificação das identidades varzeanas mobilizadas na Copa Cepro, a equipe Geração Vila Nova adota essa denominação em referência direta ao Vila Nova Futebol Clube, um dos clubes tradicionais de Goiânia (GO), fundado em 1943 e amplamente reconhecido por sua forte inserção popular na capital goiana. Com trajetória marcada por participações em competições estaduais e nacionais, o clube consolidou-se como importante referência simbólica e identitária para amplos segmentos da população local, desempenhando papel relevante na configuração das sociabilidades urbanas associadas ao futebol (Nascimento, 2007). A apropriação de seu nome por uma equipe do circuito varzeano evidencia como o imaginário construído em torno do clube profissional reverbera no âmbito comunitário, funcionando como matriz de pertencimento, reconhecimento e continuidade simbólica no futebol de bairro.



Imagem 2 – Público nas arquibancadas. (Vila Redenção, Goiânia)

Fonte: Viver Goiás, 2022.

O consumo de bebidas ocorre de forma dispersa entre espectadores/torcedores, compondo as práticas de permanência no local. Ao término das partidas, jogadores e torcedores permanecem no campo por alguns minutos, conversando e consumindo alimentos, até que o espaço seja gradualmente esvaziado, retornando ao seu uso cotidiano.

A Vila Redenção é um bairro localizado na Região Sul de Goiânia, e se constitui como o território que abriga o Campo do Muranga. A identificação recorrente do espaço esportivo como “Campo do Muranga – Vila Redenção” (Copa Cepro, 2023) estabelece vínculo direto entre o bairro e o equipamento comunitário ali situado, indicando sua inserção territorial consolidada. A Vila Redenção apresenta-se, assim, como referência espacial na organização de práticas esportivas de caráter local, especialmente vinculadas ao futebol de várzea.

A formação do bairro insere-se no contexto da expansão urbana de Goiânia na década de 1960. Conforme analisado em estudo sobre a expansão do território urbano, o crescimento da cidade nesse período esteve associado à produção de loteamentos populares e à busca por moradia como estratégia de segurança e pertencimento (Resende, 2022). A Vila Redenção emergiu nesse movimento mais amplo de produção da cidade, inicialmente situada em área periférica e posteriormente integrada a uma zona mais central da malha urbana, passando a ocupar posição estratégica em termos de acessibilidade e valorização imobiliária (Resende; Mota; Camargo, 2019).

Apesar das transformações decorrentes da dinâmica urbana e da crescente pressão imobiliária, o bairro mantém marcas de sua constituição popular, perceptíveis na configuração das moradias e na presença de equipamentos comunitários historicamente apropriados pelos moradores. Segundo Resende (2017), o processo de consolidação da Vila Redenção foi acompanhado pela organização de espaços coletivos destinados ao convívio social e às práticas recreativas, entre eles o campo de futebol (Campo do Muranga). A permanência desse equipamento ao longo das décadas evidencia a continuidade de usos sociais vinculados à vida cotidiana local, da transformação do espaço em lugar (Tuan, 1983).

A proximidade do Centro Comunitário da Vila Redenção, reconhecido como de utilidade pública desde 1968, reforça a centralidade das práticas sociais e recreativas no bairro. Tal reconhecimento institucional inscreve formalmente a relevância das iniciativas comunitárias desenvolvidas no território, consolidando a Vila Redenção como espaço urbano cuja trajetória combina expansão periférica, progressiva integração à cidade e manutenção de equipamentos voltados à convivência e ao lazer.

A experiência como acontecimento e a constituição do lugar: o Campo do Muranga e a Copa Cepro

A noção de experiência de Bondía (2002) oferece um deslocamento conceitual relevante para a análise do futebol de várzea no Campo do Muranga.

Ao propor a passagem do par ciência/técnica ou teoria/prática para o par experiência/sentido, o autor redefine o campo semântico da experiência como aquilo que nos acontece, nos marca, nos toca e nos transforma. Experiência, nesse sentido, não se reduz à informação adquirida, à opinião emitida ou ao trabalho executado; ela supõe “ex-posição”, vulnerabilidade e abertura para as possibilidades de transformação. O sujeito da experiência é aquele que se deixa afetar pelo acontecimento, que se constitui como território de passagem e espaço de inscrição de marcas (Bondía, 2002). Trata-se, portanto, de uma categoria que articula vida e conhecimento sem subsumi-los à lógica instrumental do saber técnico ou ao produtivismo do trabalho.

A introdução desse conceito no debate sobre o Campo do Muranga dialoga com os autores e ideias já mobilizadas, particularmente com a distinção entre espaço e lugar proposta por Tuan (1983) e com a perspectiva do habitar desenvolvida por Ingold (2000). Pois, se para Tuan (1983), o espaço se transforma em lugar quando é vivido, investido de memória e significado, em Bondía (2002) a experiência é precisamente o acontecimento que produz sentido e marca o sujeito. Do mesmo modo, quando Ingold (2000) afirma que habitar é constituir-se em relação contínua com o ambiente, reconhece-se que o lugar não é dado previamente, mas emerge do fluxo das práticas, que, à luz de Bondía (2002), pode ser compreendido como processo de afetação e transformação. Desse modo, as perspectivas teóricas se complementam, articulando a dimensão simbólica da espacialização, a constituição relacional e coletiva do ambiente e a dimensão existencial do acontecimento vivido.

Partindo dessa compreensão, o cotidiano do Campo do Muranga pode ser compreendido não apenas como espaço para realização de partidas, mas como um lugar de experiências. A recorrência anual da Copa Cepro desde 2009, a temporalidade própria que se instaura nos fins de semana, os pequenos atrasos absorvidos pela lógica local e a repetição de rituais corporais configuram um regime temporal próprio do evento. O calendário dilatado da competição e a permanência prolongada de jogadores

e torcedores no entorno do campo criam condições para que algo efetivamente “aconteça” aos sujeitos. O tempo do jogo não é apenas cronológico; é vivido, partilhado e carregado de memória, de sentidos e de significado.

As práticas descritas, deslocamentos ao longo do alambrado, organização de cadeiras móveis, montagem de churrasqueiras, circulação constante de espectadores/torcedores, evidenciam uma relação corporal e sensível com o espaço que ultrapassa sua função esportiva. Ao optar por não ocupar exclusivamente as arquibancadas fixas, os frequentadores exercem uma forma de apropriação que reafirma o caráter interacional do lugar, os encontros e conexões são possibilitados e favorecidos.

Nessa perspectiva, a experiência não se limita ao desempenho atlético, ao rendimento e à capacidade técnico-tática, mas inclui encontros, conversas, celebrações e disputas simbólicas. O campo torna-se local de “ex-posição” coletiva, onde gestos, falas e presenças produzem reconhecimento e pertencimento, criando identidades, história, memórias. O que está em jogo não é apenas o resultado da partida, mas a produção social de sentidos/significados compartilhados.

A dimensão imagética acrescenta nova camada a esse processo. As fotografias, transmissões *on-line* e circulação de imagens nas redes sociais prolongam o acontecimento para além do momento presencial, reinscrevendo-o em circuitos ampliados de sociabilidade. Conforme Tuan (1983), a visibilidade contribui para a constituição do lugar ao estabilizar significados; dialogando com Bondía (2002), essas imagens funcionam como vestígios da experiência, acontecimentos capturados, marcas que testemunham o que aconteceu e que continuam a produzir efeitos. As poses codificadas, os gestos de celebração e as narrativas que acompanham as vitórias, criando lendas e “mitos” da várzea goianiense, não informam apenas sobre o evento; elas reafirmam modos de pertencer e consolidam memórias coletivas.

Por fim, ao considerar a argumentação de Magnani e Morgado (1996) acerca do futebol de várzea como patrimônio, a categoria de experiência permite compreender que tal valor não reside exclusivamente na materialidade do campo, na sua condição de espaço, mas nas práticas que nele se

reiteram e transformam sujeitos, produzindo lugares. A Copa Cepro, nesse sentido, sustenta um conjunto de condições que possibilitam a experiência: um tempo próprio, um espaço habitado relacionalmente, no e pelo coletivo, uma visibilidade compartilhada e uma memória acumulada. Assim, o Campo do Muranga é tomado como lugar não apenas porque é ocupado, mas porque é vivido; não apenas porque é cenário de jogos, mas porque é espaço onde algo acontece aos que ali se “ex-põem”, constituindo sentidos que ultrapassam o evento esportivo e se inscrevem na vida social da Vila Redenção.

Entre o lugar, a prática e a visibilidade: o futebol de várzea como patrimônio vivido

Magnani e Morgado (1996) argumentam que o futebol de várzea se constitui como patrimônio justamente por articular dimensões simbólicas, territoriais e afetivas que escapam às formas tradicionais de reconhecimento institucional. Trata-se de um patrimônio vivido, que se atualiza a cada jogo, a cada edição e a cada reencontro entre jogadores e espectadores/torcedores.

A noção de lugar, desenvolvida por Tuan (1983), oferece uma chave interpretativa fundamental para compreender esse processo. Para o autor, como já discutido, o lugar é construído a partir da experiência direta, da familiaridade e do investimento emocional.

Assim, o Campo do Muranga é conhecido não apenas por sua localização geográfica, mas por aquilo que ali acontece de forma recorrente. O gramado irregular, as arquibancadas de concreto, o alambrado e as áreas laterais ocupadas por cadeiras e grupos de espectadores/torcedores de todas as idades, credos e culturas, uma vez que a Vila Redenção, por estar localizada na região Sul de Goiânia, apresenta ocupação significativa de migrantes provenientes de diferentes regiões do Brasil, principalmente nordestinos (Tomazett, 2025), tornam-se referências sensoriais que estruturam a experiência do espaço.

Essa experiência corporal do espaço é central para a compreensão do futebol de várzea enquanto prática urbana dotada de sentido e significado. O jogo mobiliza deslocamentos, gestos, contatos e percepções que envolvem tanto jogadores quanto espectadores/torcedores. Os corpos em movimento, seja acompanhando a bola ao longo do alambrado, seja celebrando um gol ou reagindo a uma jogada disputada, produzem uma coreografia coletiva que dá vida ao campo. Desse modo, partindo de Ingold (2000), pode-se afirmar que o espaço do jogo não preexiste às práticas, mas emerge da interação contínua entre pessoas, materiais e ambiente. O campo é vivido como um percurso (Le Breton, 2022), uma superfície de relações em constante transformação.

As práticas comunicacionais observadas durante a Copa Cepro reforçam essa dimensão relacional do lugar. Os *banners*, as transmissões *on-line*, via YouTube, realizadas de maneira improvisada, os *podcasts* produzidos, a circulação de imagens nas redes sociais etc., ampliam o campo de interação para além de seus limites físicos. Ao mesmo tempo, essas práticas não descaracterizam o espaço local, mas o reforçam, ao reinscrever o Campo do Muranga em circuitos mais amplos de visibilidade, ampliando as possibilidades de experiências, de construção de sentido e significado. As imagens produzidas, muitas vezes posadas, obedecem a códigos compartilhados, compreendidos por aqueles que participam do universo da várzea. Gestos como o silêncio simbólico após a vitória ou a prece ajoelhada após um gol funcionam como formas de comunicação que condensam valores, emoções e reforçam identidades.

A presença de música e o consumo de bebida alcoólica integram-se a esse conjunto de práticas sem se sobrepor ao jogo. O ambiente sonoro, marcado por estilos musicais populares, contribui para a construção de uma atmosfera que combina competição, celebração e convivência. Esses elementos, longe de serem acessórios, participam da experiência sensorial do lugar (Ingold, 2000; Le Breton, 2022), articulando sons, cheiros, sabores e imagens que compõem a vivência do campo. Trata-se de uma experiência

multissensorial que reforça os vínculos entre os participantes e o espaço ocupado.

Desde o fim da primeira década dos anos 2000, a Copa Cepro consolidou-se como um evento que organiza o calendário local e estrutura expectativas coletivas. A preparação das equipes, a organização dos jogos e a presença regular do público criam um ritmo próprio que se inscreve na rotina do bairro. Esse ritmo não é imposto de fora, mas construído a partir da participação ativa dos envolvidos, que influenciam o ambiente ao passo que são por ele influenciados, criando hábitos e cultura. A Copa, nesse sentido, funciona como um dispositivo de agregação social, no qual diferentes gerações e trajetórias se encontram em torno de uma prática compartilhada.

Conforme explica Tuan (1983), o tempo é elemento constitutivo do lugar na medida em que a experiência repetida e ritmada transforma acontecimentos em referências duráveis da vida cotidiana. Não é o evento isolado que produz sentido, mas sua recorrência, sua previsibilidade e sua capacidade de orientar expectativas e ações ao longo do tempo. Nesse sentido, a Copa Cepro institui um tempo próprio que se entrelaça ao espaço do Campo do Muranga, fazendo com que o campeonato seja aguardado, lembrado e projetado no futuro como parte da rotina do bairro, uma cultura local. O lugar, assim, não se define apenas pela materialidade do campo, mas pela temporalidade compartilhada que o atravessa: a espera pelos jogos, a lembrança de edições passadas, as glórias narradas, os ídolos que surgem e a antecipação das próximas. Essa articulação entre tempo vivido e espaço experienciado permite compreender como a Copa Cepro consolida o campo como referência estável no cotidiano urbano, produzindo continuidade e pertencimento por meio da repetição socialmente construída.

A análise do futebol de várzea em Goiânia, no Estado de Goiás no Centro Oeste do Brasil, a partir do Campo do Muranga e da Copa Cepro, viabiliza, portanto, compreender a cidade para além de seus planos e projetos formais, criando outras formas de ocupação do espaço, transformando-o em lugar (Tuan, 1983). O urbano se revela nas práticas cotidianas que dão uso e sentido aos espaços, transformando áreas aparentemente ordinárias

em lugares de forte densidade social. Reconhecer essas práticas como patrimônio implica valorizar formas de vida que se constroem na repetição, na convivência e na experiência compartilhada, sem a necessidade de espetacularização ou institucionalização excessiva.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho buscou compreender o futebol de várzea em Goiânia a partir de uma perspectiva que privilegia a experiência, o uso cotidiano do espaço e as práticas sociais que se constroem de forma reiterada no tempo. Tomando como recorte empírico o Campo do Muranga e a realização de uma edição da Copa Cepro, situados na Vila Redenção, foi possível observar como o futebol de várzea se insere de maneira orgânica na dinâmica urbana, articulando dimensões históricas, territoriais, corporais e simbólicas.

Ao retomar o processo de formação da Vila Redenção no contexto da expansão urbana da década de 1960, evidenciou-se que o bairro emerge de um movimento mais amplo de produção da cidade, marcado pela busca da moradia. Nesse sentido, a consolidação de equipamentos sociais e recreativos, como o Centro Promocional, Social e Recreativo de Vila Redenção – Cepro, reconhecido como de utilidade pública, permitiu a criação das condições para o florescimento de práticas coletivas de lazer e convivência. O Campo do Muranga insere-se nesse percurso como um espaço que, embora simples em sua infraestrutura, assume centralidade na vida social local, tornando-se um lugar.

Foi possível compreender, também, o campo de futebol não é apenas como espaço físico, mas como lugar produzido pela experiência. A familiaridade com o gramado, as arquibancadas de concreto, o alambrado e o entorno urbano revelam uma relação construída no tempo, na qual o corpo reconhece e atribui sentido ao ambiente. A repetição anual da Copa Cepro, com seu calendário relativamente estável, reforça essa condição ao

inscrever o futebol na rotina do bairro, transformando o campo em referência afetiva e simbólica para jogadores e espectadores/torcedores.

As práticas observadas no Campo do Muranga mostram que o espaço não é simplesmente ocupado, mas continuamente produzido por meio de ações, deslocamentos, ajustes e improvisações. Jogadores, espectadores/torcedores e organizadores constroem o ambiente do jogo a partir de suas interações com o campo, com os objetos e entre si, configurando um modo de habitar que se realiza no fazer cotidiano. Os nomes dos times, os uniformes coloridos, os patrocinadores locais, os gestos corporais codificados e as narrativas que circulam após as partidas evidenciam a produção de sentido, significado aproximando o campo e dando visibilidade ao lugar. Ainda, nesse percurso, a compreensão do futebol de várzea como uma prática legítima de produção cultural, ampliando-se o seu entendimento para além dos eventos institucionalizados. No caso da Copa Cepro, isso se manifesta nas relações, nos saberes práticos, nas formas de organização e nas experiências compartilhadas que se atualizam a cada edição do campeonato.

O Campo do Muranga, portanto, pode ser compreendido como um lugar de produção contínua da vida urbana, no qual o futebol de várzea opera como mediador de sociabilidades, identidades e pertencimento. Longe de representar uma margem do esporte ou da cidade, a várzea revela-se como espaço privilegiado para compreender como o urbano é vivido, praticado e (re)significado no cotidiano. Ao analisar essas práticas, este trabalho contribui para ampliar o debate sobre cidade, esporte e território, apontando para a necessidade de reconhecer e valorizar formas de vida que se constroem fora dos circuitos oficiais, mas que sustentam, de maneira concreta e persistente, a experiência urbana.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, n. 22, p. 102-109, 1994. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26963>. Acesso em: 27 fev. 2026.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, abr. 2002.

COPA CEPRO. *10ª edição*. Goiânia: Organização Copa Cepro, 2023.

COPA CEPRO. *Regulamento 13ª Copa Cepro*. Goiânia: Organização Copa Cepro, 2025.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2007.

GOOGLE. *Campo do Muranga, Vila Redenção, Goiânia (GO)*. Google Maps. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/qmsWE76U8YmbeEdW6>. Acesso em: 23 mar. 2026.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2000.

LE BRETON, David. *Caminar la vida: la interminable geografía del caminante*. Madrid: Ediciones Siruela, 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, p. 175–184, 1996. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001023202>. Acesso em: 10 fev. 2026.

NASCIMENTO, Marcus Jary. Futebol, sociabilidade e psicologia de massas: ritos e símbolos e violência nas ruas de Goiânia. *Pensar a Prática*, v. 10, n. 1, p. 99–116, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v10i1.208>. Acesso em: 29 abr. 2026.

RESENDE, Sandra Catharinne Pantaleão. Expansão e fragmentação do território: Goiânia de cidade planejada à metrópole regional. *Desenvolvimento Regional em Debate*, v. 9, ed. esp., p. 22–42, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/2126>. Acesso em: 29 abr. 2026.

RESENDE, Sandra Catharinne Pantaleão. Bairros como elementos de estruturação urbana em Goiânia: análise historiográfica e fontes documentais. *Paranoá*, v. 15, n. 33, p. 1–21, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/41005>. Acesso em: 29 abr. 2026.

RESENDE, Sandra Catharinne Pantaleão; MOTA, Matheus André Gomes; CAMARGO, Aline Gracino. Da Vila Redenção aos condomínios horizontais

fechados: sprawl urbano, especulação imobiliária e cidade-região na Região Sudeste de Goiânia – GO. *In: Encontro Nacional da Anpur, 17. Anais.* p. 665–684, 2017.

SILVA, Wendel da Costa e. *Futebol de várzea: um diagnóstico do futebol da Vila Redenção*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

TOMAZETT, Luana Rodrigues. Condição urbana contemporânea de Goiânia: história urbana e fragmentação do território. *In: Encontro Nacional da Anpur: Ideias, Políticas e Práticas em Territorialidades do Sul Global, 21. Anais.* Curitiba: Anpur, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122968>. Acesso em: 29 abr. 2026.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VIVER GOIÁS. Com apoio da Prefeitura de Goiânia, final da Copa Cepro e Festa de Gala acontecem no domingo (12/06) e segunda-feira (13/06). 11 jun. 2022. Disponível em: <https://www.vivergoias.com.br/noticia/com-apoio-da-prefeitura-de-goiania-final-da-copa-cepro-e-festa-de-gala-acontecem-no-domingo-12-06-e-segunda-feira-13-06>. Acesso em: 12 jun. 2026.